

# A PALMATÓRIA

ANO X

N.º 21

SETEMBRO 2016

ORGÃO INFORMATIVO DA



## JANTAR CONVÍVIO DE 2016

É já no último sábado deste mês, que se realiza o Jantar Convívio comemorativo do **10.º Aniversário** da nossa Associação.

Para muitos será também o 32.º Convívio desde que estas confraternizações se começaram a realizar em 1985!

Vai efetuar-se novamente no emblemático Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico, gentilmente cedido pela nossa Câmara Municipal.

Porque temos a certeza que farás todo o possível por estar presente, fazemos-te um pedido: **Trás contigo um companheiro, mesmo que nunca tenha participado em qualquer Convívio!**

Só terá que cumprir dois requisitos: Pagar a inscrição e ter frequentado a Escola da Feira ou da Tourada!

Vê mais informações na página seguinte.



## PASSEIO CULTURAL DE VERÃO

Mantendo a política de fazer um passeio de proximidade, com custos reduzidos para os participantes, no próximo dia 8 de setembro (5.ª feira), com saída às 15 horas, junto da Biblioteca/Tribunal, no Passeio Cultural de Verão, vamos conhecer duas das mais antigas Coletividades do concelho de Espinho: Associação de Socorros Mútuos S. Francisco de Assis de Anta (111 anos) e Tuna Musical de Anta (92 anos).

As inscrições são efetuadas na Casa Fonseca, rua 19 n.º 275, até ao dia 5 e são gratuitas! (o transporte é efetuado em carros particulares).



## EDITORIAL

Já por diversas vezes usei a expressão "todos os nossos eventos têm corrido tão bem, que já temos direito a que algum corra mal".

Finalmente, essa ideia, transmitida em tom de "laracha", acabou por acontecer!

Depois de muitos meses a falar no assunto (chegamos a fazer um inquérito aos sócios) "arrancamos" com a organização do "Passeio ao Alqueva", numa primeira iniciativa de dois dias.

Procuramos realizar um programa que, julgávamos nós, seria do agrado de "toda a gente"!

Fizemos todas as diligências para uma visita a uma pedreira de mármore em Aljustrel, conseguimos um preço excecional para o jantar, dormida e pequeno almoço no Hotel D. Luís em Elvas, obtivemos 50% de desconto nas entradas no Forte/Museu de Elvas, tratamos ao pormenor a visita ao "Império Nabeiro", em Campo Maior...

É fácil perceber que toda esta ação deu muito trabalho e despesa, e, neste aspeto, seria ingratidão nossa não relevar a colaboração do sr. José Pedro, "espinhense" que foi diretor do Hotel PraiaGolfe e da rede de Hoteis D. Luís.

O nosso muito obrigado e desculpas pelos transtornos que lhe causamos, Amigo sr. José Pedro!

E quando tudo parecia "correr às mil maravilhas" (as inscrições chegaram a ser mais de 20) e já tínhamos limitado a 37 o número de participantes, como só 6 tinham efetuado o pagamento e era necessário cobrar dos restantes, começaram as desistências.

Com este panorama e reconhecendo que, mesmo admitindo termos algum prejuízo, o passeio custaria 137,50 ou 140,00€ por casal, foi decidido anular o evento, face ao pouco tempo que nos restava e às responsabilidades que ainda estavam por assumir.

Claro que, entristece, que após essa decisão, foram muitos os que se mostraram interessados no passeio! Só que todos têm que perceber, e este caso serve de aviso, que é necessário inscreverem-se e pagarem atempadamente para garantia da realização dos eventos.

Porque a invocação da crise, que é real, já se conhece quando se vão fazer as inscrições...

**Fernando Meneses**



# 10.º ANIVERSÁRIO

O principal "marco" das comemorações do 10.º Aniversário da nossa Associação, ocorreu no dia 5 de junho, domingo, uma vez que a data da fundação, dia 6, seria 2.ª feira.

Pelas 10 horas foi realizada missa na Capela de N.ª S.ª da Ajuda, seguindo-se uma romagem ao cemitério de Espinho, onde foi colocada uma coroa de flores no Cruzeiro do Repouso, em memória dos Sócios falecidos e em que foram ditas algumas palavras alusivas ao momento, pelo nosso companheiro Carlos Padrão.



## JANTAR CONVÍVIO

Para além do que foi dito na primeira página desta A Palmatória, todos os companheiro devem ter em atenção o seguinte: As inscrições e pagamento são feitas da forma habitual - envio para a sede, nos diretores e na Casa Oculista Vitó, na rua 19 n.º 242.

Aproveitamos para meter aqui um parêntese para reiterar o nosso agradecimento à Dr.ª Paula Vitó e suas colaboradoras, todas as deferências de que temos beneficiado ao longo de muitos anos.

As inscrições são feitas até ao dia 21 e custam 21,00€. Quem pagar até ao dia 17, só paga 20,00€ e habilita-se ao sorteio de um excelente presunto!

A ementa, que já conheces pela circular que se junta, é realmente de fazer crescer água na boca!

Mais informações pelos telemóveis 966 052 010 (Meneses), 918 527 893 (Faustino), 914 746 465 (Patela).

## REMUNERAÇÃO DOS SÓCIOS

Embora prometida no nosso Programa de Atividades para 2016, a remuneração dos Sócios, nunca efetuada desde 2006, só irá acontecer, possivelmente, no início de 2017.

Acontece que, com o sorteio do Cabaz de Natal a realizar em dezembro próximo, poderá estabelecer confusão o número atual com o número novo de Sócio após a remuneração.

Este adiamento permitirá também fazer uma "limpeza" aos ficheiros, eliminando os Sócios falecidos e alguns com quotas em atraso, e que não mostram vontade de as pagar.



De tarde, no auditório da Junta de Freguesia de Espinho, mais uma vez gentilmente cedido para o efeito, teve lugar um agradável espetáculo de variedades, que a Direção aproveitou para fazer entrega pública do Diploma de Sócio de Mérito atribuído ao nosso primeiro Presidente da Mesa da Assembleia Geral, companheiro Mário Miranda Valente, a título póstumo.



E foi com muito agrado que se assistiu, pela primeira vez em Espinho, às atuações da Orquestra de Bandolins de Esmoriz, do Rancho Infantil "Os Vareirinhos" de Matosinhos e do Grupo de Cavaquinhos do Napesmate (Matosinhos). Atuou ainda o jovem mágico espinhense João Soares e o espetáculo terminou ao fim da tarde com a exibição do filme "Espinho - Praia da Saudade".

Sem dúvida, um evento memorável!

## COMPANHEIROS FALECIDOS



**01.05.2016** – Faleceu com 89 anos de idade, o companheiro **António Duarte Ferreira Estêvão (Toninho Duarte)**, Sócio N.º 119. Frequentou a Escola da Feira. Sempre muito ligado a Espinho, desenvolveu a sua atividade de empresário em V. N. de Gaia, fundando o Café Mon Ami, a Dec Mel e a Dec Móveis.

**04.07.2016** – Faleceu com 76 anos de idade, o companheiro **Jorge Alves Ferreira**, Sócio N.º 232. Frequentou a Escola da Feira e teve a profissão de serralheiro. Foi imigrante em França durante 30 anos.



A nossa Associação apresentou às famílias enlutadas, durante as cerimónias fúnebres, as suas condolências.



## DISTINÇÃO

Em 8 de julho de 2015, no Regimento de Engenharia N.º 3, o nosso Secretário da Direção, companheiro Firmino Barros, foi condecorado com a Medalha Comemorativa da sua intervenção na Campanha Moçambique 1967/1969. Ao companheiro Firmino as nossas felicitações e desculpas pelo facto não ter sido referido na altura devida.



## COMPANHEIRO POETA

No passado dia 30 de julho, no quase cheio auditório da Junta de Freguesia de Espinho, o nosso Sócio António Gonçalves brindou-nos com o seu primeiro livro de poemas.

Em jeito de justo elogio, transcrevemos um dos cem poemas do seu livro "A Minha Verdade".

### Mar encantado

Mar és lindo em qualquer lugar,  
Serás sempre o mesmo mar,  
Só mudará a paisagem,  
Fazes-me sempre encantar.

Espinho, Póvoa, Granja,  
Lugares que tenho visitado.  
Sinto sempre grande emoção,  
Por te ter sempre a meu lado...

Posso estar triste, mas fico feliz  
Quando te posso alcançar.  
Tenho-te sempre na memória,  
Nem que seja a dormir e sonhar.

Era capaz de estar um dia inteiro,  
Percorrer todo o teu horizonte...  
Tens sempre poder encantado,  
Queria fazer de ti a minha fonte.

Não há amor como o primeiro,  
És a minha grande paixão!  
Um dia quando eu morrer,  
Levo-te no meu coração.



## CONVÍVIOS ESCOLARES

É com muito gosto que registamos nesta **A Palmatória** dois Convívios de antigos alunos das Escolas da Feira e da Tourada, de que tivemos conhecimento e foram organizados pelos nossos companheiros Guilherme Patela (há quantos anos está na génese destes convívios?) e João Freitas (pela vigésima vez consecutiva!). Não nos cansamos de dizer que, desde que nos façam chegar a informação, nos referiremos a todos eles. Entretanto, as nossas felicitações a todos quantos se "abalancem" a iniciar ou continuar este tipo de Convívios.



## CURTAS

### Quero o meu número !

Com as comemorações do 10.º Aniversário, as nossas finanças levaram um grande "rombo".

Para atenuar essa situação, resolvemos pedir 5,00€ a cada Sócio, que retribuirmos com o sorteio de um magnífico "Cabaz de Natal" e mais 2 prémios de 6 garrafas de vinho verde cada. Cada Sócio terá direito ao seu número e a mais 3, pelo que se habilitará com 4 números na lotaria do Natal de 2016.

Quem quiser mais que uma "rifinha", poderá adquirir os números correspondentes aos Sócios falecidos ou eliminados.



No passado mês de março realizou-se a anual Assembleia Geral de prestação de contas. Com receitas no valor de 1.574,70€ e despesas de 1.471,25€, a gerência de 2015 teve um saldo positivo de 103,45€, que, a juntar ao saldo anterior, nos proporcionou em 31 de dezembro de 2015 um "património" de 4.733,97€.



No próximo dia 17 de dezembro (sábado), a partir da 16 horas, vão realizar-se duas Assembleias Gerais da nossa Associação, no local do costume (Junta de Freguesia).

A primeira será para apresentação do Plano de Atividades para 2017 e a segunda para eleição dos Órgãos Sociais para o biénio 2017/2018, funcionará das 17 às 17,30 horas.

A apresentação de listas deve fazer-se até ao dia 3 de dezembro.

Procura comparecer, com as tuas sugestões e apoio moral aos futuros dirigentes.



Como notícia de última hora, informamos os nossos Sócios que o sr. Presidente da Câmara, dr. Pinto Moreira, comunicou ao nosso Presidente da Direção, ter sido aprovada a nossa candidatura aos subsídios das verbas do jogo.

Uma magnífica prenda por ocasião do nosso 10.º Aniversário. Mas a melhor prenda poderá acontecer ainda este ano, vinda também da C. M. Espinho !



## 6 junho 2006

# DEZ A

**P**arece que foi ontem, mas já passaram dez anos após 6 de junho de 2006, data em que os companheiros Fernando Meneses, Artur Faustino e Mário Valente, em representação de uma Comissão Instaladora, foram ao Cartório Notarial constituir a Associação dos Antigos Alunos das Escolas da Feira e da Tourada.

Depois de muita burocracia e despesas com o Registo Nacional de Pessoas Coletivas, publicação no Diário da República, etc., podemos começar a “trabalhar legalmente”, cumprindo o prometido anos antes, num dos convívios anuais, da constituição de uma Associação. Porque, é de referir, quando a Associação foi fundada, já tinham decorrido precisamente vinte convívios anuais!

A Comissão Instaladora, que funcionou de junho a outubro, cumpriu a promessa de no prazo de seis meses após a constituição da Associação, realizar eleições para os Órgãos Sociais.

Assim, em 28 de outubro, realizou-se a primeira Assembleia Geral, em que foram eleitos para o biénio 2007/2008 os seguintes companheiros: Assembleia Geral – Mário Valente (Presidente, falecido em 19/5/2013), António Carvalho (Vice-Presidente), António Jorge Gonçalves (1.º Secretário) e José Azevedo (2.º Secretário); Conselho Fiscal – Carlos Padrão (Presidente), José Ribeiro (Vogal) e José Guilherme Patela (Vogal); Direção – Fernando Meneses (Presidente), Artur Faustino (Vice-Presidente), Florival Espírito Santo (Secretário), Álvaro Sousa (1.º Tesoureiro, falecido em 29/9/2007) e Manuel Ferreira (2.º Tesoureiro).

A partir da eleição dos Órgãos Sociais, começou uma maior atividade, de que, para efeito da história da nossa Associação, procuraremos referir os factos mais significativos dos primeiros dez anos.

Considerando que todos os anos se realizaram Assembleias Gerais, felicitamos sempre os Sócios por ocasião dos seus aniversários, enviamos sempre postais de Boas Festas no fim do ano, aconteceram dez Jantares Convívio sempre no último sábado de setembro e se publicaram 20 números de “A Palmatória”, só referiremos outros factos, sob pena de omissão involuntária de algum(s).

O logótipo da nossa Associação foi criado em **2004**, após um concurso interno em que foi escolhida a proposta do nosso amigo e colaborador Daniel Faustino, e que registamos para memória futura.

### 2006

- Visita cultural guiada ao Castro de Ovil, em Paramos.

### 2007

- Tendo já ultrapassado os 100 Sócios, realizamos um Passeio Cultural ao Museu do Papel, em Paços de Brandão, com viagem no Vouguinha.
- Nas “rifinhas” do jantar anual, realizado no Restaurante do Complexo de Ténis de Espinho, foi sorteado um televisor, que saiu ao companheiro Victor Hugo Martins, a residir em Ovar.



Complexo de Ténis - Jantar anual até 2010

### 2008

- No jantar anual voltou a ser sorteado um televisor, que calhou em sorte ao companheiro Alberto Pinhal (falecido em França a 27/4/2015).
- Passeio gastronómico e cultural, de comboio, com visita aos Museus da Indústria Têxtil em Famalicão e dos Caminhos de Ferro em Lousado.

### 2009

- Passeio gastronómico e cultural a Oliveira de Azeméis, com visita à Casa Museu Ferreira de Castro, em Ossela. Viagem no Vouguinha e em autocarro a partir de Oliveira de Azeméis.
- Visita cultural à Póvoa de Varzim, utilizando o comboio e o metro.
- Visita cultural ao Museu de Espinho (FACE).
- O nosso companheiro Artur Faustino foi homenageado pela Junta de Freguesia de Silvalde.

### 2010

- Passeio gastronómico e cultural a Aveiro, Costa Nova, Barra e Universidade. Ao almoço, cada participante recebeu dois livros e lembranças de Aveiro, gentileza do então Governador Civil, sr. José Mota.
- Atribuição de Sócio Honorário (N.º 1) à Junta de Freguesia de Espinho.
- Noite de Fados, na Adega do Emídio, em Canelas, Estarreja.
- Musical “Annie”, de Filipe La Féria, no Teatro Rivoli, no Porto.

### 2011

- Passeio gastronómico e cultural a Guimarães, que seria Capital Europeia da Cultura em 2012. Viagem de comboio e autocarro da C. M. de Guimarães, na cidade.
- Espetáculo solidário de variedades, no auditório da nossa Junta de Freguesia.
- Noite de Fados e de homenagem à nossa “companheira” Adelaide Caralinda, pelos seus 50 anos de atividade artística.
- Passeio cultural à Régua, com visita a Vila Real e Amarante.
- O jantar anual, após 10 anos consecutivos a realizar-se no restaurante do Complexo de Ténis de Espinho, por encerramento deste, realizou-se no restaurante do Centro Luso Venezuelano, em Nogueira da Regedoura.



Centro Luso Venezuelano - Jantar anual em 2011

### 2012

- Passeio gastronómico e cultural ao Gerês (dois autocarros!).
- Passeio cultural a 3 museus da cidade do Porto: Museu Nacional da Imprensa, Casa do Infante e Palácio da Bolsa.



# ANOS!

## 6 junho 2016

• O Jantar anual voltou a realizar-se em Espinho, na Piscina Solário Atlântico, o mesmo acontecendo em 2013. Em 2014 o evento realizou-se no FACE-Forum de Arte e Cultura de Espinho, voltando à Piscina em 2015. Desde 2011 que os nossos jantares anuais são da responsabilidade do sr. Manuel Freitas, gerente dos restaurantes Luso-Venezuelano e Parque de Campismo de Espinho e proprietário do Restaurante Avenida 8, em Espinho.



*Piscina Solário Atlântico - Jantar anual em 2012, 2013 e 2015*

### 2013

- Passeio gastronómico e cultural à região de Lafões-Vouzela, Caramulo, S. Pedro do Sul e Oliveira de Frades (2 autocarros!).
- Passeio cultural ao Museu da Cortiça, em Santa Maria de Lamas, e ao Museu do Papel, em Paços de Brandão.
- Ida ao musical "O Melhor de La Féria", no Teatro Rivoli do Porto.
- Teatro "Uma Noite em Casa de Amália", no Coliseu do Porto.

### 2014

- Passeio gastronómico e cultural à zona da Bairrada - Museus do Vinho, em Anadia e das Caves Aliança, em Oliveira do Bairro.
- Visita à "Casa Museu" do companheiro Carlos Aluai.
- Passeio cultural, com visita às instalações da Cerciespinho e da Cruzada do Bem.
- Atribuição de Sócio Honorário à AIPAL (N.º 2), no cinquentenário da sua fundação.



*Forum de Arte e Cultura - Jantar anual em 2014*

### 2015

- 10.º Jantar Convívio da Associação e 31.º Convívio dos antigos alunos que se reuniram pela primeira vez em 1985. Por lapso, em 2005, anunciamos o 20.º Convívio quando seria o 21.º.
- No passeio gastronómico e cultural voltamos ao Minho, para visitar Barcelos e Famalicão, com breve paragem na Póvoa de Varzim.

- Nova visita cultural ao Castro de Ovil e aos três polos do Centro Social de Paramos.
- Visita à "Casa Museu" do nosso companheiro Toninho Duarte, em V. N. de Gaia (faleceu em 1/5/2016).
- Apresentação da nossa Bandeira, no dia 6 de junho, na romagem ao cemitério.
- O nosso Secretário da Direção, Firmino Barros, foi condecorado pelo Exército Português com a Medalha Comemorativa da Campanha Moçambique 1967/1969.



*A nossa Bandeira*

### 2016

- Distribuição gratuita de um calendário de parede, pelos Sócios e Amigos da nossa Associação.
  - Ida a Lisboa para assistir ao grande êxito de La Féria "República das Bananas".
  - O nosso Tesoureiro da Direção, Jorge Águas, foi agraciado com a Medalha de Serviços Distintos Grau Ouro da Liga dos Bombeiros de Portugal.
  - O nosso companheiro António Gonçalves, escreveu e lançou no mercado o seu primeiro livro de poemas.
  - Visita à exposição sobre Mirita Casimiro, no Museu de Espinho.
  - Espetáculo de variedades, no Auditório da Junta de Freguesia de Espinho, comemorativo do 10.º Aniversário da nossa Associação.
  - 1.ª Caminhada "Avós e Netos".
  - Passeio gastronómico e cultural, novamente ao Gerês, com passeio de barco na barragem da Caniçada.
  - Nomeação de Sócio de Mérito (N.º 1) ao nosso primeiro Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Mário Miranda Valente (a título póstumo).
  - Aconteceu o nosso primeiro «fiasco» (ao fim de 10 anos...), ao não concretizarmos o anunciado passeio ao Alentejo (Alqueva, Pedreira de Mármore, Forte/Museu de Elvas e "Império Nabeiro").
- Durante estes 10 anos de existência registou-se o falecimento de 49 Sócios. até este número da A Palmatória, e fizemos inúmeras visitas a companheiros acamados ou debilitados.
- Para além de toda a atividade descrita nos nossos dez anos de existência, há ainda a assinalar que beneficiaram de mais de 2.000 euros de donativos várias instituições de solidariedade social e os Bombeiros do nosso Concelho.**



## UM PEQUENO CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA

## MALACA

Florival Espírito Santo (KALÚ)



Malaca entrou bastante cedo no meu vocabulário.

E aprendi, na Escola Primária, que Malaca foi portuguesa, que Malaca fora uma fortaleza estabelecida para protecção das rotas marítimas do Oriente, pois a sua situação geográfica era considerada, ao tempo, de grande importância estratégica.

É que, no 'meu tempo', ainda se aprendia alguma coisa da nossa 'História' na instrução dita primária...

Mas não é sobre História - não se assustem - que quero escrever; nem a tal me atreveria, nem sequer os meus conhecimentos, poucos, mo permitiriam. Serão algumas impressões colhidas 'in loco' que me proponho descrever-vos muito sucintamente - uma vez mais não se assustem - e certamente sem a correcção de forma nem de estilo nem de narrador que não tenho, mas com as maiores objectividade e simplicidade possíveis.

Por imperativos profissionais, fiz muitas viagens que me permitiram visitar países habitualmente fora das rotas turísticas e até mesmo comerciais dos portugueses, principalmente devido às enormes distâncias que separam Portugal desses países.

E foi numa dessas minhas deslocações, em princípios de 1983, ao Extremo Oriente, precisamente a 26 de Janeiro, que o avião no qual tinha embarcado em Sidney, Austrália, e depois de uma curta escala em Singapura, aterrou no aeroporto de Kuala-Lumpur, capital Federal da Malásia, Federação de Estados em que se integra o Estado de Malaca de que é capital a cidade com o mesmo nome.

A hora da minha chegada, cerca das 21H00 locais, já noite bem cerrada não me permitiu sequer apreciar a magnífica paisagem tropical, nem me aperceber do que quer que fosse da cidade de Kuala-Lumpur que atravesssei no automóvel que, logo após o desembarque, me aguardava no aeroporto, para me conduzir logo de seguida para Malaca.

A viagem nocturna de cerca de três horas de Kuala-Lumpur a Malaca, por uma estrada nem boa nem má - mais ou menos como as nossas da mesma época - com os seus buraquitos da ordem de vez em quando, seria por certo bastante monótona não fossem os rudimentos de Inglês do condutor e os meus também rudimentares conhecimentos da

língua Malaia, que permitiram uma conversa, forçosamente acompanhada de inúmeros gestos, com o dito condutor da viatura, natural de e residente em Malaca, aliás funcionário na empresa que eu ia contactar e razão da minha viagem.

Pude, assim, e antes mesmo de lá chegar, tomar conhecimento de alguns dados sobre Malaca, tais como principais actividades, nível de vida, organização social, etc., que me interessavam sobremaneira para o bom desempenho da minha missão.

Só na manhã seguinte e durante a deslocação do hotel onde fiquei acomodado - diga-se de passagem que bastante melhor do que seria lógico esperar-se em tão remotas paragens tanto no que se refere a instalações como no que respeita a serviços e que se situava nos arrabaldes da cidade - até à empresa que ia visitar, tive ocasião de ver, pela primeira vez, MALACA.

Um ou outro edifício de linhas modernas e de construção agressivamente recente, destoava do amontoado de pequenas casas sem estilo definido, na sua grande maioria em mau estado de conservação, pelo menos na aparência, ruelas estreitas e sem, aparentemente, obedecerem a qualquer plano urbanístico, sujidade, barracos (talvez devesse chamar-lhes palhotas) feitos principalmente de 'palapa' - para os que desconhecem o termo esclareço que 'palapa' é uma espécie de palmeira bastante comum na flora tropical/equatorial cujas folhas em forma de leque, depois de secas, são extremamente resistentes e simultaneamente flexíveis - e, finalmente, uma bela e larga avenida, orlada de esguios coqueiros, separada do mar por uma irregular faixa de areia negra a que não ousarei chamar de praia, um ou outro barco mais ou menos primitivo de pesca artesanal, varado no areal ou balançando indolentemente nas águas opacas da baía calma, um molhe, aparentemente sem qualquer utilidade, longo de mais de uma centena de metros, constituído por uma plataforma de travessas de madeira bastante irregulares apoiadas em estacas de bambú. Ao longe, bastante ao longe, dois cargueiros ancorados. Nenhum movimento aparente. Eram 8 horas da manhã.

Rapidamente cheguei ao meu destino - uma fábrica de confecções de camisas de dimensão, limpeza e aparência, agradavelmente surpreendentes - na parte noroeste da cidade, em 'zona franca' junto ao mar, alinhada com outros

edifícios de características semelhantes e que mais tarde viria a saber tratar-se de outras unidades industriais estabelecidas na mesma zona.

Seria aqui que contactaria com o primeiro 'Português' de Malaca.

Não se admirem, ele próprio - o Sr. Maurice Santa Maria - mo disse com um brilho de orgulho nos olhos castanhos e ovalados de típico oriental e com um sorriso aberto de indubitável prazer pelo simples facto de estar a falar comigo, um português de 'Portugal'. O Director da fábrica, por sinal um indiano, depois de discutirmos os negócios que ali me haviam levado, dissera-me:

- Bem, como você é português, vou chamar o Santa Maria - era assim que o tratavam lá no escritório - um nosso escriturário, para o acompanhar numa visita à cidade, já que ele também é português, não percebo bem como, mas pelo menos ele diz que o é.

Chamado o Sr. Santa Maria, dirigiu-se-me num português algo difícil de entender, mas sem sombra de dúvida português - arcaico? adulterado? estropiado? - francamente não sei, deixarei o problema aos filólogos se é que alguma vez se debruçarão sobre tal assunto.

Explicou-me depois o Sr. Santa Maria - já em inglês em que se exprimia fluentemente, idioma em que havíamos combinado comunicar - que a língua em que se me havia dirigido inicialmente era, efectivamente, português muito antigo, talvez de mil e quinhentos, do tempo de Afonso de Albuquerque, ou melhor, de quase cinco séculos de vicissitudes, perseguições, sacrifícios incontáveis, que um pequeno grupo, uma pequena mas ainda viva comunidade de auto-intitulados portugueses, tinha mantido e suponho que ainda mantém em Malaca. Mas, para melhor me elucidar sobre o assunto, iria telefonar a um amigo português também - o Sr. Bernard Santa Maria de quem, apesar do mesmo apelido de família, não era sequer parente, que o soubesse - chefe indiscutido da Comunidade Portuguesa de Malaca, deputado à Assembleia Legislativa do Estado de Malaca desde



1969, Secretário-Geral do Partido de Acção Democrática, na altura na oposição, tendo já apresentado o seu partido na Conferência Socialista Ásia-Pacífico em 1972 e o Estado na Conferência Parlamentar da Commonwealth em



Suva, Fiji, em 1981. Após combinarmos o encontro para daí a um par de horas, no 'Restaurante San Pedro' - como bom português que me considero e para não fugir à tradição e prática dos nossos mais lídidos representantes, não podia esquecer o estômago - lá fomos, eu e o Sr. Maurice Santa Maria, visitar a cidade de Malaca, suportando estoicamente o calor desagradavelmente húmido das cinco da tarde.

Conhecedor profundo da sua cidade, não lhe foi difícil nem moroso mostrar-me os locais que, na sua opinião, teriam mais interesse para mim. Pela mão do amável 'guia' calcorreei ruas e ruelas, calçadas e pracetas, o emaranhado de caminhos entre casas e casebres, entremeados aqui e ali de ruínas graníticas e basálticas de velhas igrejas, de muralhas, de portas, de pedras tumulares com inscrições ainda legíveis, lembrando portugueses desconhecidos que por lá sucumbiram de trabalhos e de canseiras, de doenças e em lutas sem tréguas pelo manutenção de Malaca.

Nunca imaginara subsistirem ainda tantos testemunhos - recentemente e por ordem do Governo da Malásia objecto de protecção - da passagem dos portugueses por Malaca. Mas tais ruínas não deixavam de ser testemunhos, valiosos por certo, mas mudos - mais acessíveis e dizendo muito mais aos estudiosos da história, do que a um ignorante visitante como eu. Ainda assim, não deixei de me impressionar - e porque não confessá-lo - de me emocionar também, perante a ainda majestosa 'PORTA DE SANTIAGO' que fez parte da fortaleza chamada de 'A FORMOSA', ali levantada pelos portugueses em 1511; diante de vetustas paredes a que se agarram ervas e líquenes do que foi a 'IGREJA DA MADRE DE DEUS', imponente e dominando ainda a colina chamada de 'MONTE DE SAN FRANCISCO' e onde ainda se pode ver o túmulo onde repousaram durante algum tempo os restos mortais de São Francisco Xavier, morto em Macau, antes de serem trasladados para a Índia; diante dos restos irreconhecíveis, a não ser por peritos, do CONVENTO DOS CAPUCHINHOS DE SÃO FRANCISCO, onde um arco de ogiva milagrosamente equilibrado, faz pensar no que teriam sido as magníficas naves da Capela; enfim, diante de incontáveis testemunhos da presença dos meus, dos nossos, antepassados. Confesso que me senti orgulhoso naqueles momentos.

Nos tempos que correm não sei se tal confissão será considerada de reacionária e se não deveria antes escrever que me senti... envergonhado, até mesmo indignado, diante as provas irrefutáveis do domínio glorioso (perdão, deverei dizer antes, vergonhoso?) dos portugueses. Mas isso foi em tempos que já lá vão...

As duas horas de que dispunha foram demasiado curtas para a minha curiosidade crescente, mas - 'noblesse oblige' - não quis deixar de ser pontual ao encontro combinado com o Sr. Bernard Santa Maria. E lá fomos uma vez mais, eu e o meu 'guia', desta vez já de automóvel que o director da fábrica que eu visitara amavelmente tinha posto à minha disposição durante a minha curta estadia em Malaca, em direcção ao RESTAURANTE SAN PEDRO. Rodámos de novo pela magnífica avenida dos coqueiros - nunca cheguei a saber o seu

verdadeiro nome - desta vez no sentido norte/sul, sempre à beira-mar, no fim da qual e no extremo sudoeste da cidade, uma placa de madeira iluminada pelos faróis do automóvel me informou estarmos a entrar no 'PORTUGUESE SETTLEMENT' (povoado português).

Apesar de prevenido pelo meu 'guia', apesar de já estar mais ou menos preparado para o encontro com a 'comunidade portuguesa' de Malaca, estremeci: é que entrava numa parte completamente distinta da cidade. Com efeito, desde o perfeito alinhamento das ruas de terra batida, humildes, mas notavelmente limpas, ostentando nomes tipicamente portugueses como a Rua dos Pescadores, a Rua de Lisboa, a Rua Afonso de Albuquerque, etc., etc., até às casas de paredes de madeira, cuidadosamente pintadas, tudo me cheirava a Portugal e até mesmo a côr da pele das pessoas com que me ia cruzando me parecia mais clara, apesar da escuridão que rapidamente ia tomando sobre o 'Portuguese Settlement'. No espaço alpendre do Restaurante San Pedro, propriedade de um outro 'português' de apelido Theseira - por certo abastardamento ou antiga forma de 'Teixeira' - aguardava-me já e notava-se-lhe a ansiedade no olhar, o Sr. Bernard Santa Maria.

A conversa iniciada à mesa, saboreando deliciosos 'mexilhões à pescador', seguidos de suculenta costeleta de porco, ementa extraordinária supenho que executada em minha imerecida honra, prolongou-se depois durante a visita efectuada ao 'MALACA PORTUGUESE DEVELOPMENT CENTER' - Centro de Desenvolvimento Malaco-Português (numa tradução literal) - onde funcionam uma escola, várias salas de estudo, e onde tem a sua Sede a COOPERATIVA DOS PESCADORES PORTUGUESES DE MALACA.

E a conversa continuou pela noite dentro na residência do Sr. Bernard Santa Maria, onde tive o prazer de conhecer a sua encantadora esposa, uma bem portuguesa Maria, de Malaca. Os rebentos, um casal, ele de dois anos e ela de seis meses, dormiam já a sono solto.

Muitos outros portugueses de Malaca de quem não fixei os nomes, mas onde havia Gomes, Monteiros, Fernandez, Alcântaras e Alcantras, Pintos, Rochas, Silvas, se nos juntaram ao serão, contando inocentes histórias de vivência na Comunidade Portuguesa de Malaca, lamentando as dificuldades que enfrentam no seu dia-a-dia, senão mesmo a discriminação de que são vítimas por serem 'portugueses', considerados estrangeiros na sua própria terra, lamentando ainda mais o silêncio das Autoridades Portuguesas aos múltiplos apelos que lhes têm feito para apoio, que mais não fosse moral, na sua luta insana pela sobrevivência e manutenção das suas, linguagem, tradições, religião e cultura. A Escola, como eu próprio tive

ocasião de verificar, tem um reduzidíssimo número de antiquados livros didácticos e foi-me dito que, apesar dos enormes esforços envidados junto de várias autoridades e organizações, não conseguem obter mais alguns; o Grupo Folclórico - sim caros leitoras e leitores - os Portugueses de Malaca mantêm um Grupo Folclórico de danças e cantares, com trajes regionais portugueses, desde a opulenta 'Minhota' carregada de cordões e arrecadas de metal amarelo imitando o ouro, até à modesta Ceifeira Alentejana, e cantam e dançam e afirmam-se portugueses... e são ignorados, não sei se inocente ou deliberadamente, pelos dirigentes portugueses a quem se têm dirigido de há pelo menos dois anos a esta parte (relembro que



estávamos em 1983), segundo me foi garantido.

Perguntei-me já várias vezes se, depois de tudo isto, fará sentido continuarmos a festejar (e a deixar de trabalhar) no dia 10 de Junho de cada ano, no dia de Portugal, no dia de Camões, no dia da Raça, no dia das Comunidades Portuguesas.

Era já madrugada alta quando recolhi ao hotel. As horas de convívio desinteressado, ingénuo, de amor, impediram-me de dormir nas duas horas que me restavam antes de partir de novo para Kuala-Lumpur onde me aguardavam novas entrevistas de negócios, deixando para trás MALACA a longínqua cidade do oriente onde existe uma ignorada comunidade portuguesa.

(Extraído de Memórias de Uma Vida Agitada)

KALÚ

### Ficha Técnica

Propriedade	Associação dos Antigos Alunos das Escolas da Feira e da Tourada Pessoa Coletiva n.º 507 671 066
Director	Presidente da Direcção
Colaboração	F. Meneses, Artur Faustino, Daniel Faustino, Kalú
Redacção	Rua 20 n.º 1370-1.º E • 4500-263 Espinho Telefs. 966 052 010 / 918 527 893 Email: geral@palmatoria.net www.palmatoria.net/new
Impressão	Tipografia Meneses - Coop. Gráfica de Espinho
Tiragem	300 exemplares / Distribuição gratuita

As opiniões expressas e a ortografia utilizada, são da responsabilidade dos seus autores



# HISTÓRIA LUSA

por ARTUR FAUSTINO

**O nosso companheiro Artur Faustino, historiador autodidata responsável por esta rubrica, termina hoje a interessante história de D. Inês de Castro**

## El-rei revela o seu casamento secreto

Cantanhede, 12 de Junho de 1360.

El-rei, que se encontra nesta vila, nas casas do conde de Barcelos, D. João Afonso Telo, mandou juntar na igreja matriz os mais altos dignatários da corte e, colocando as mãos sobre os Evangelhos, fez esta sensacional declaração: há sete anos, quando se achava em Bragança, recebeu por sua legítima mulher D. Inês de Castro, e com ela viveu como esposa por dois ou três anos. Manteve o assunto em segredo pelo temor que tinha de seu pai.

Coimbra, 18 de Junho de 1360.

Esta manhã foram chamados à Universidade, à aula de Decretais, o bispo da Guarda, D. Gil Cabral e Estevão Lobato, que o rei disse terem estado presentes no seu casamento com D. Inês de Castro. Ambos confirmaram o casamento real, mas não se lembravam do ano.

Em seguida foram chamados os bispos, o prior de Santa Cruz, os altos dignatários da corte, e o conde de Barcelos deu a todos a grande notícia, mandando-se passar instrumentos de legitimação dos infantes D. João, D. Dinis e D. Beatriz.

## Vingança em Santarém

Pasma-se de pavor com o que hoje aconteceu nos paços da Alcáçova. Por um tratado que fez com seu primo, Pedro, o Cruel, de Castela, em que foi combinado trocarmos os homiziados políticos, conseguiu el-rei que lhe fossem presentes Álvaro Gonçalves e Pêro Coelho, implicados na morte de D. Inês de Castro. Diogo Lopes Pacheco, o outro responsável pelo drama, foi avisado a tempo do perigo que corria e conseguiu escapar.

Quis el-rei saber o que se tinha passado na morte de D. Inês, mas como nem Álvaro Gonçalves nem Pêro Coelho nada dissessem, enfadou-se deles e mandou matá-los. Pediu que lhe trouxessem cebola e vinagre para o coelho. Queria com isto dizer que Pêro Coelho ia ser morto.

Mandou arrancar-lhes o coração e depois queimar os corpos.

## O grande desvario

Coimbra, 1361.

El-rei mandou construir e colocar no Real Mosteiro de Alcobaça dois imponentes túmulos de pedra finamente lavrada, com estátuas jacentes dele, rei, e da rainha D. Inês.

Logo que foi terminado o mausoléu de D. Inês, os restos mortais da «miserável e mesquinha que depois de morta foi rainha», segundo, foram exumados da Igreja de Santa Clara, de Coimbra, onde jaziam, e levados para Alcobaça por um grande acompanhamento de fidalgos e muita outra gente e donas e donzelas e muita clerezia. Toda a população das aldeias foi chamada para vir ao caminho com archotes acesos, e desde Coimbra a Alcobaça, fosse noite ou fosse dia, as cinzas de D. Inês foram sempre entre alas de círios acesos.

Ao chegar a Alcobaça fizeram-se grandes ofícios fúnebres, com bispos e clérigos em multidão. O povo e o rei choravam quando desceu a grande laje de pedra sobre a última morada da rainha D. Inês.



Começa a nascer a lenda.

Corre a notícia de que o rei fez colocar o cadáver da rainha D. Inês num trono, colocou-lhe sobre o crânio a coroa real e obrigou todos os nobres a beijar a descarnada mão do cadáver.

Os fidalgos e clérigos desta cidade que estiveram presentes na cerimónia da trasladação e a tudo assistiram garantem que tal nunca aconteceu.

Mas as lendas têm mais força que a verdade e muita gente acredita nessa homenagem macabra.

## Justiça para todos, do maior ao mais pequeno

Chamam ao rei o *Justiceiro*. É rápido e duro na justiça que aplica.

Eis alguns casos:

Um escudeiro de Entre Douro e Minho, Álvaro Rodrigues de Grade, rico e bem aparentado, cortou os aros a uma cuba de vinho a um lavrador pobre. Logo o rei o mandou degolar.

A um escrívão do tesouro que recebeu onze libras e meia sem o tesoureiro saber, mandou-o enforcar.

Um outro escudeiro que vivia em Avis e era sobrinho de um privado de el-rei e membro do seu conselho recebeu com uma bofetada o oficial de diligências que foi a sua casa para lhe penhorar os bens e depenou-lhe a barba.

Queixou-se o oficial ao rei, que estava em Abrantes. Logo pediu que lhe trouxessem preso o escudeiro. Assim foi feito e ali o mandou degolar, porque ao faltar ao respeito a uma autoridade tinha desrespeitado o próprio rei.

Foram estes alguns dos exemplos das justiças promulgadas pelo monarca, quer em benefício do clero, nobreza e da classe menos favorecida, o povo.

## Morre D. Pedro I, depois de um reinado de dez anos

Estremoz, 18 de Janeiro de 1367.

Morreu o rei D. Pedro, com 47 anos, 9 meses e 8 dias de idade (nasceu a 8 de Abril de 1320).

Os despojos de el-rei D. Pedro serão depositados no grandioso túmulo que mandou colocar no transepto da igreja, em frente do de D. Inês.

Na cabeceira do monumento estão esculpidas muitas figuras e ao fundo está uma misteriosa frase sobre a qual muito se discute.

A frase diz o seguinte: **A: E: A fim do Mudo**

Não há consenso quanto ao sentido desta inscrição. Alguns pensam que o canteiro deixou a palavra incompleta, mas queria dizer até. Outros supõem que as letras se devem ler A(qui) E(spero) A fim do Mu(n)do.

O sentido desta frase é que o rei espera que, no fim do Mundo, na hora da ressurreição final, verá na frente o vulto de D. Inês, que os anjos de mármore ajudam a soerguer nas almofadas do túmulo.

As edículas da rosácea representam cenas familiares dos amores de D. Pedro e de D. Inês e o julgamento e execução desta pelo rei. Nas edículas à esquerda da legenda vê-se D. Inês rodeada de seus filhos e na direita a sua morte às mãos dos algozes reais.

A D. Pedro I, sucedeu D. Fernando, filho do segundo casamento com D. Constança, de Castela. Ao contrário de seus avô e pai, D. Fernando foi um mau governante, cujos desvarios ocasionou uma profunda crise no país com constantes guerras contra exércitos de Espanha. Teve a fama de se meter nas guerras e esperar que os outros se batesses por ele.

Fontes: "Diário da História de Portugal", de José Hermano Saraiva e Maria Luísa Guerra, das Selecções do Reader's Digest

**Notas** – O perdão dos desacatos com guerras e mortes provocadas pelo infante D. Pedro, em consequência da vingança do assassinato da sua amada Inês de Castro, com quem havia casado secretamente, foi prometido quando seus pais ainda governavam, sendo eles D. Afonso IV (por sinal um monarca de boa governação) e sua esposa D. Beatriz, filha do rei de Castela.

A renúncia do infante em relação à sua promessa, contudo ficaria mergulhada num atroz silêncio de contínua vingança, não contra seu pai, mas sim contra seus conselheiros e autores do crime. Somente foi preciso esperar o falecimento de seu pai e que o infante D. Pedro tomasse o trono por sucessão, para assim satisfazer a sua cruel vingança.

Resumindo o efeito da crise pela morte de Inês, levaria ao risco de o infante D. Fernando vir a ser afastado do trono, o que levou a que D. Afonso IV, após um Conselho realizado em Montemor-o-Velho, ordenasse a execução da galega por decapitação, aproveitando uma ausência do rei D. Pedro.

## A origem real de D. Inês de Castro

– No ano de 1340 D. Constança Manuel chegou a Portugal e celebrou o casamento religioso com D. Pedro. Pouco tempo depois a nova rainha, que já era a segunda escolha de casamento de D. Pedro (depois de um primeiro que não chegou a concretizar-se com uma rainha de Castela), mandou vir para junto de si uma filha bastarda do fidalgo galego Pedro Fernandes de Castro, a bela Inês de Castro, que pelo seu fascínio mereceu o cognome de *Colo de Garça*.

D. Pedro, arrebatado de paixão pela formosa dama de honor de sua mulher, manteve com ela uma ligação que durante algum tempo procurou manter secreta, mas que se tornou patente e pública logo que D. Constança faleceu em 1345, ao dar à luz o terceiro filho, D. Fernando, que herdou o trono do pai.

A lenda e a literatura apossaram-se do tema dos seus amores e morte, sobretudo a partir dos séculos XVII e XVIII, e o Romantismo por divulgá-los por toda a Europa (Trovas à Morte de D. Inês de Castro, de Garcia de Resende; A Castro, de António Ferreira; La Reine Morte, de Henry de Montherland, não esquecendo Camões).

Fim

## Nossos Amigos, a quem não nos cansamos de agradecer

